

MAILSON NÃO CRÊ EM RECESSÃO

São Paulo — O ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, não acredita que as medidas de arrocho divulgadas pelo governo levem o Brasil à recessão. Para ele, o pacote acabará desacelerando a economia no próximo ano, mas uma compensação deverá surgir na medida em que as expectativas da população melhorarem. O ex-ministro lembra ainda que 1998 será um ano eleitoral, com uma tendência de gastos maiores por estados e municípios, apesar dos apertos.

Mailson acredita que o Produto Interno Bruto (PIB) crescerá até 3,5% este ano, índice que cairá para entre 2% e 2,5% em 1998. Além disso, as importações de bens de capital devem manter o déficit da balança comercial em US\$ 11 bilhões no ano que vem, quando o déficit em conta corrente deve se manter em 4% do PIB.

Para compensar as medidas do governo, Mailson aposta na Copa do Mundo, que — segundo ele — aumentará o consumo de televisores e rádios e até de cerveja, se o Brasil for vitorioso. Além disso, o ex-ministro acredita que o consumo de bens de capital pela construção civil e pelos setores agrícola, energético, de transportes e de telecomunicações deve ajudar a manter a média do país.

Mailson diz que o aumento do desemprego será suportável, ficando aquém dos níveis registrados na Argentina, de mais de 10% da força de trabalho. “O resultado final vai depender também do tempo que os juros continuarem elevados e isso está atrelado à situação asiática, que está dando sinais de ajuste.”

Mailson crê que as medidas devem afetar a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso, efeito que seria compensado a longo prazo por melhoras no cenário macroeconômico. O ex-ministro acha que as medidas vieram em boa hora, pois o presidente terá tempo para recuperar sua popularidade. Mas, para isso, será fundamental a queda dos juros. “A menos que ocorra um acidente internacional, o dano político será neutralizado.”

Para Mailson, o governo deu um sinal de maturidade ao manter a estabilidade como o principal bem a ser preservado, o que sustentaria a popularidade do presidente. Ele prevê uma queda na curva de popularidade de Fernando Henrique, que deve começar a se recuperar a partir do segundo semestre de 1998 com a queda dos juros e a retomada da atividade econômica. “O governo reafirmou a determinação de não desvalorizar o câmbio e quem apostou contra o real perdeu”, conclui Mailson.